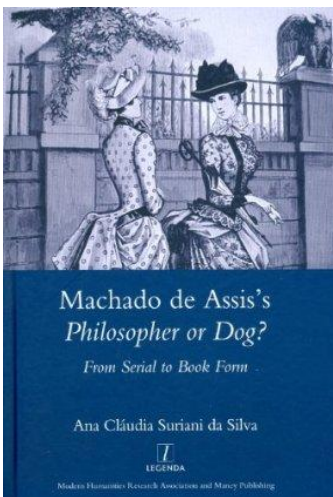


MACHADO DE ASSIS NO ACONCHEGO DO CLAUSTRO

Milena Martins



Resenha de SILVA, Ana Cláudia Suriani. **Machado de Assis's Philosopher or Dog? From serial to book form.** Oxford: Legenda (Maney Publishing), 2010. **ISBN-10:** 1906540454

A tese de doutorado de Ana Cláudia Suriani da Silva, *Machado de Assis's Philosopher or Dog? From serial to book form* (ainda sem edição em português), propõe uma análise inovadora do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, fundamentada no cotejo entre o folhetim e o livro, como anuncia o seu subtítulo.

Trata-se do último romance do autor publicado em periódicos. *Quincas Borba* destoa dos romances anteriores do escritor, dentre outros motivos pela duração da sua publicação em folhetins: enquanto *Helena*, *Iaiá Garcia* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foram publicados em intervalos pequenos, que variaram de dois meses a quase um ano, *Quincas Borba* foi publicado na revista *A Estação* ao longo de quase cinco anos, de 1886 a 1891, antes de ser editado em livro pela Garnier, em 1891. As profundas e significativas alterações textuais produzidas pelo escritor para a edição do romance em livro são o objeto central de análise nessa tese. Mas ela não apresenta apenas uma comparação entre variantes textuais, o que por si só já teria sido bastante trabalhoso. Debruçando-se sobre as diferenças entre os dois suportes textuais, o folhetim e o livro, a autora põe em evidência aspectos da materialidade da leitura que contribuem para produzir significados para o texto. Em outras

palavras, para além dos recursos textuais do romance, os recursos iconográficos, textuais e tipográficos da revista e do livro são analisados como elementos centrais para a construção dos significados dos textos. Assim, porque variam os suportes, distinguem-se de maneira significativa as experiências de leitura do primeiro *Quincas Borba*, em folhetim, e a do segundo *Quincas Borba*, em livro.

A análise filia-se, portanto, à tradição de estudos da história do livro e da leitura, segundo a qual os leitores “não se defrontam jamais com textos abstratos, ideais e desprendidos de toda a materialidade” e, justamente por isso, “é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um status inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação.” (CHARTIER, 1999, p.13)

Trecho do romance *Quincas Borba*, capítulo CLIX

O marido de D. Fernanda, envolvera Sofia em um grande olhar de admiração. Ela, em verdade, estava nos seus melhores dias; o vestido sublinhava admiravelmente a gentileza do busto, o estreito da cintura e o relevo delicado das cadeiras; — era *foulard*, cor de palha. — Cor de *palha*, acentuou Sofia rindo, quando D. Fernanda o elogiou, pouco depois de entrar; cor de *palha*, como uma lembrança deste senhor.

Não é fácil dissimular o prazer da lisonja; o marido sorriu cheio de vaidade, procurando ler nos olhos dos outros o efeito daquela prova minuciosa de amor. Teófilo elogiou também o vestido, mas era difícil mirá-lo sem mirar também o corpo da dona; dali os olhos compridos que lhe deitou, sem concupiscência, é certo, e quase sem reincidência.

(ASSIS, 1891, p.354-355 – foi feita a atualização ortográfica)

A autora analisa cuidadosamente a revista *A Estação*, sobretudo suas seções de moda, sua inclinação imperial e a representação das classes sociais dos seus leitores

potenciais. Ela parte da hipótese bastante convincente segundo a qual há uma relação irônica entre o romance e o temário da revista: Machado satiriza a pompa imperial da revista por meio do enredo do romance e transforma em ficção as aspirações sociais dos leitores-alvo da publicação. Além disso, a autora também analisa as relações entre o folhetim e o contexto sociopolítico brasileiro, explicitando o contraste entre, de um lado, a pompa imperial da revista e a megalomania imperial de Rubião e, de outro lado, a decadência do Segundo Reinado brasileiro. Em suas palavras, *"the novel incorporates, absorbs, transforms and ironizes the main thematic lines of the magazine: its imperial leanings, and its depiction of fashion as an outer sign of social climbing."* (SILVA, 2010, p.32) Para construir sua interpretação, a autora explicita o diálogo entre o texto machadiano e um conjunto de outros textos e imagens que circulavam na revista *A Estação* ou em outras publicações: é dessas relações entre textos que a ironia sobressai; é recolocando o texto tanto quanto possível em seu contexto que os significados do romance parecem se tornar mais pulsantes, e mais compreensíveis no presente.

Trecho do romance *Quincas Borba*, capítulo CIX

Sim, Rubião, indignado, mandou logo cessar o castigo, enforcar o Palha e recolher as vítimas. Uma delas, Sofia, aceitou um lugar na carruagem aberta que esperava pelo Rubião, e lá foram a galope, ela garrida e sã, ele glorioso e dominador. Os cavalos, que eram dous à saída, eram daí a pouco, oito, quatro belas parelhas. Ruas e janelas cheias de gente, flores caindo em cima deles, aclamações... Rubião sentiu que era o imperador Luiz Napoleão; o cachorro ia no carro aos pés de Sofia...

Tudo acabou sem fim, nem fracasso. Rubião abriu os olhos; talvez alguma pulga o mordeu; qualquer coisa «Sonhos, sonhos, Penseroso!» Ainda agora prefiro o dito de Polonius: «Desvario embora, lá tem seu método!»

(ASSIS, 1891, p.245 – foi feita a atualização ortográfica)

Um dos outros textos com que *Quincas Borba* dialoga é "Diário de um louco", conto de Gogol, de que alguns importantes elementos foram aproveitados por Machado na criação do enredo de seu romance. A pesquisadora aprofunda esse achado de Eugênio Gomes, que já constava da fortuna crítica de Machado, analisando também as diferenças entre as duas narrativas. Uma delas, o ponto de vista "caleidoscópico" da narrativa machadiana, vem a ser um elementos estruturantes do romance, o qual permite ao narrador apresentar sob vários ângulos uma sociedade em transformação, uma sociedade na qual predominavam relações sociais *assimétricas*, nas palavras de Alfredo Bosi. Sintoma da importância desse recurso narrativo é a sua intensificação na versão do romance em livro.

Além de fornecer uma bela análise da obra literária de Machado de Assis e do seu contexto sociopolítico e editorial, a tese também se dedica a apresentar a revista brasileira *A Estação* e a revista alemã *Die Modenwelt* (da qual aquela derivou), e a explicar as relações entre as duas revistas, fortemente responsáveis pela disseminação de valores culturais europeus no Brasil do século XIX.

O leitor sai da tese de Ana Cláudia Suriani da Silva dotado de um olhar mais informado a respeito do contexto em que o romance foi publicado, o que lhe permite compreender sob uma nova ótica o romance machadiano e o Brasil do tempo de Machado. Por tornar mais profundamente compreensível tanto o romance *Quincas Borba* como a sociedade por ele representada, a tese estimula um retorno ao clássico, com a promessa de uma leitura menos lacunar do que aquela feita sem a contribuição do texto crítico. É este, afinal, o principal mérito da boa crítica.

"Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta, como a primeira." (CALVINO, 1993, p.11)

Ao abrir as portas dos bastidores do processo de escrita e edição de *Quincas Borba* — e também do de outros romances do escritor —, a autora permite entender melhor as preocupações do escritor com relação à recepção de suas obras, não só como entendendo-a como um resultado da qualidade estética do texto por ele produzido, mas também como resultado da qualidade gráfica do livro a ser editado pela Garnier. Essa preocupação levou-o a escrever uma carta a seu editor na qual, sob o impacto de um boneco de livro cujo aspecto material o desagradara, o escritor pôs-se a discutir pormenores da composição tipográfica do livro, tais como o número de linhas por página, o tamanho da mancha e o número de suas páginas.

Os meandros da escrita, publicação e edição do romance permitem vislumbrar um Machado mais humano, por despi-lo da aura de genialidade que geralmente paira sobre os clássicos e suas produções, mostrando, em lugar disso, seu trabalho árduo de reescrita do romance, suas hesitações, suas idas e vindas e inclusive alguns dos defeitos da construção do romance. Paradoxalmente, se Machado se torna um homem mais comum quando posto sob nossos olhos em pleno ofício da escrita, ao final da leitura da tese sua imagem parece ainda mais imponente, dados os seus esforços e insistência na produção de uma obra que fosse adequada aos seus propósitos (ou àquilo que, até hoje, a crítica julga terem sido os seus propósitos).

Para fazer uma análise detalhada da organização interna do enredo nas parcelas publicadas em folhetim, comparando-as com os capítulos posteriormente publicados em livro, a autora é generosa ao fornecer ao seu leitor elementos do enredo suficientes para a compreensão do raciocínio e das interpretações. Assim, a análise é minuciosa, mas não é hermética, nem feita apenas para machadólogos. Mas esses, brasileiros e estrangeiros, se beneficiarão especialmente da análise das relações entre *Quincas Borba* e outros romances machadianos e das informações a respeito das traduções da obra do escritor. O estudo do

processo de reescrita do último romance em folhetim do autor é reveladora no que concerne a um elemento fundamental da obra de Machado, talvez o mais importante: o narrador ou o ponto-de-vista a partir do qual a história é narrada. A respeito da intensificação do estilo caleidoscópico de *Quincas Borba*, a autora conclui aproximando o romance de 1891 do romance de 1899:

"as the characters retain different impressions of the same event, the multiplicity of viewpoints becomes more significant than the event itself. We perceive that we are very close to *Dom Casmurro* in respect of Machado's treatment of the relationship between real and imagined events." (SILVA, 2010, p.109)

Tentando manter o controle da apresentação dos eventos reais e dos imaginados e também, tanto quanto possível, da sua apreensão pelo leitor está a figura do narrador — que não merece confiança quando se trata de narrativas do "bruxo do Cosme Velho", seja ele um narrador casmurro, um defunto-autor ou um ente sem nome, parte indissociável da estrutura ficcional. Sob o domínio desse narrador, nunca é demais desconfiar, manter-se atento e munir-se de instrumentos adequados para fazer uma leitura cuidadosa, como esta apresentada pela tese de Ana Cláudia Suriani da Silva.

Último capítulo do romance *Quincas Borba*

CCI

Queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois. Mas, vendo a morte do cão narrada em capítulo especial, é provável que me perguntes se ele, se o seu defunto homônimo é que dá o título ao livro, e por que antes um que outro, — questão preme de questões, que nos levariam longe... Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O Cruzeiro, que a linda Sofia não quis

fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens.

(ASSIS, 1891, p.432-433 – foi feita a atualização ortográfica)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1891. Cópia digitalizada disponível no site da Biblioteca Nacional, http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or15757/or15757.pdf, acessada em 11/abril/2012.

CALVINO, Ítalo. "Por que ler os clássicos" in *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora UnB, 1999.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Machado de Assis's Philosopher or Dog? From serial to book form*. Oxford: Legenda, 2010.